

OS MUSEUS E A IDENTIDADE DAS INSTITUIÇÕES NO MUNDO CONTEMPORÂNEO.

Ricardo de Aguiar Pacheco*
Karoline Mery de Oliveira**

Resumo:

No debate construído pela museologia contemporânea vemos que a instituição museu nasce da necessidade da preservação dos objetos reunidos de uma comunidade ou instituição. Criando uma preocupação museológica de construir a identificação dos objetos do museu com a comunidade local e seus visitantes. Este artigo tem por finalidade revisar o conceito da instituição museu e como esse se modificou no tempo para entendermos a importância de grandes instituições, como a Universidade Federal Rural de Pernambuco, manterem espaços como o “Memorial da UFRPE” para realizar a guarda, a pesquisa e a divulgação de sua história institucional. Concluímos evidenciando que as ações educativas difundem a memória e os valores culturais dessa instituição.

Palavras-chaves: Memória institucional, UFRPE, Educação Patrimonial.

Abstract:

In the contemporary debate of museology we observe that the museum institution emerges from the necessity of the preservation of the objects of a community or institution. This article aims to review the concept of the museum institution and how this definition has changed over time. We want to understand why institutions, such as the Federal Rural University of Pernambuco, maintain spaces such as the "UFRPE Memorial" to carry out the custody, research and dissemination of its institutional history. We conclude by showing that educational actions disseminate the memory and cultural values of this institution.

Keywords: Institutional Memory, UFRPE, Patrimonial Education.

Recebido: 10/06/2018

Aprovado: 26/06/2018

* Dr. Em História; Docente PGH UFRPE.

** Graduanda em Licenciatura em História UFRPE.

Apresentação

Com a complexificação das sociedades modernas são criadas diversas práticas e instituições para evocar suas lembranças, relatar e guardar seu passado de forma sistemática, bem como manter presente aquilo que julga como importante para a percepção da sua transformação interna e da sua relação com outras comunidades, nesses ou em outros tempos. A instituição museu surge e se desenvolve desta necessidade da preservação do que foi selecionado e reunido como representativo do conhecimento de uma determinada comunidade. E, mais recentemente, diversos grupos sociais e instituições também passaram a estabelecer estratégias de preservação e divulgação de sua memória.

Este artigo tem por finalidade realizar um estudo sobre o conceito do museu que mostre como este objeto – e sua definição – se modificou ao longo da história da sociedade ocidental. Buscamos construir menos uma cronologia de como se constituiu a Instituição Museu desde o seu surgimento, na antiguidade, e sua dinâmica nos dias atuais para discutir a transformação de suas funções e mais uma percepção das diferentes formas que a prática social de guarda e difusão da memória assumiu. Para desta forma entendermos a importância de instituições, como a Universidade Federal Rural de Pernambuco, manterem espaços de memória como o “Memorial da UFRPE” para realizar a guarda, a pesquisa e a divulgação de sua história institucional.

O Museu Mitológico

Na busca de analisar o lugar do museu na sociedade é necessário que olhemos para ele como prática social que ao longo do tempo foi agregando novos significados e funções na sociedade. Marília Xavier Cury propõe uma definição que se apoia nas funções da instituição Museu:

Selecionar, reunir, guardar e expor coisas num determinado espaço, projetando-as de um tempo num outro tempo, como o objetivo de evocar lembranças, exemplificar e inspirar comportamentos, realizar estudos e desenvolver determinadas narrativas, parecem construir as ações que, num primeiro momento, estariam nas raízes dessas práticas sociais a que se convencionou chamar de museus.¹

Essa ideia nos permite compreender que são as ações do museu junto a sociedade que evidenciaram a sua importância. Ou seja, o museu existe por e para estabelecer uma relação entre sua comunidade e objetos significativos de sua cultura.

¹ CURY, Marília Xavier, Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005, p. 18.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

As primeiras concepções formadas a respeito do que hoje chamamos de museu se constituíram a partir do ato de reunir objetos e lhes atribuir significados culturais, evidenciando a ação de evocar lembranças e memórias sobre os conhecimentos históricos, científicos, artísticos que esses objetos materializam. Segundo Dominique Poulot temos uma interpretação comum que associa a instituição museu ao Templo das Musas da mitologia grega:

“O termo “museu”, segundo a etimologia clássica, remete a uma pequena colina, o lugar das Musas. A genealogia tradicional do museu evoca, de bom grado, o testemunho do geógrafo Pausânias, que, em sua Descrição da Grécia, fala de um pórtico na ágora de Atenas que era uma espécie de museu ao ar livre, assim como da Pinacoteca dos Propíleus, na Acrópole”².

Nessa representação oriunda da antiguidade se produz um duplo estereótipo: museu como conservatório do patrimônio e da civilização. E o museu como escola das ciências e das humanidades. Mas em ambas está presente o ato de guardar para produzir lembrança.

Marília Xavier Cury lembra que na mitologia clássica Orfeu foi esfacelado por Eríneas e teve seu corpo espalhado pelo mundo através de um sopro. Coube a Museu, filho de Orfeu, resgatar toda a plenitude da poesia de seu pai recolhendo e ordenando suas partes. Afirma assim que museu não é um espaço, mas uma intencionalidade.

“O museu do que falo, não é o lugar, o templo das musas que gerou a conceituação de museu-depósito de coisas. O Museu de que falo pensa no sentido das coisas no mundo e na vida e (re)elabora constantemente a sua missão poética”³.

Nesses mitos de origem percebemos novamente o museu ligado ao Templo das musas. Mas agora como lugar que foi transformado, de depósito de coisas, em organizador das coisas do mundo. Em sentido metafórico o museu está ligado a recuperação, ao recolhimento e reordenação das coisas espalhadas no mundo.

Para entender a construção do significado moderno da instituição museu é preciso ter em mente esses sentidos mitológicos da ação de preservar. Manter em vista que a prática de guarda das coisas, de estudos dos objetos, de exposição dos bens culturais são práticas ontológicas.

²POULOT, Dominique, Museu e Museologia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 15

³CURY, Marília Xavier, Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

O Museu Moderno

Na sociedade ocidental o museu se insere no contexto da necessidade de preservação dos testemunhos da cultura material das sociedades que se percebem em transformação. Inicialmente exerceu um papel de guardião de acervos de natureza artística e documental de caráter privativo. Dessas coleções fechadas pertencentes a indivíduos e organizações se converteu em instituições públicas – ou privadas abertas ao público – que ganharam importância juntamente com o pensamento científico ocidental durante a Era Moderna. A instituição museu, portanto, nasceu do interesse do colecionismo e se entrelaça com uma rica história do pensamento ocidental.

Segundo Silvana do Nascimento os primeiros gabinetes de curiosidades foram organizados pelos afortunados da Era Moderna que ajudaram a financiar as expedições exploratórias em diferentes regiões do mundo. Essas primeiras coleções eram de acesso restrito, eram exibidas aos visitantes acompanhados do próprio colecionador. Assim essas coleções se transformam em símbolo de poder do seu proprietário.

“[...] Os gabinetes a princípio, revelam um sentido enciclopedista, uma tentativa de se ter ao alcance dos olhos, pelo menos, o que existe em lugares distantes e desconhecidos. Ainda não existe uma preocupação nítida com a classificação, a nomeação de tudo o que se descortina diante desses homens. Antes de qualquer coisa, trata-se de juntar, de colecionar objetos que dão a idéia da existência de “outros”. O ato de colecionar transfigura-se em compreensão de tudo o que há no mundo”⁴.

As coleções dos gabinetes dos séculos XVI e XVII eram organizadas em dois grandes eixos, o *Naturalia* e o *Mirabilia*⁵. No primeiro eixo tinha-se exemplares dos reinos animal, vegetal e mineral. No segundo eixo era dividido em duas partes a primeira correspondendo a objetos produtos da ação humana e a segunda composta de antiguidades e objetos exóticos que remetem a povos até então desconhecidos das Américas e da Ásia, vendidos aos colecionadores por viajantes e marinheiros das expedições de exploração.

Com a consolidação da sociedade burguesa e dos Estados nacionais após o evento da Revolução Francesa a tradição do colecionismo fechado mudou. Nas jovens nações abriram-se as portas das grandes coleções formadas por relíquias religiosas e artes plásticas criando espaços para exposições de artes e ofícios.

Essa abertura das coleções produziu os museus modernos que assumiam a missão de reunir, apresentar e difundir os elementos identitárias das jovens nações. A esse respeito diz Poulot:

⁴NASCIMENTO, Silvana Silva. O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus. In Figueiredo, B. G.; Vidal, D. G. (Org.). *Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte: Fino Traço. 2013.p. 159.

⁵POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural. In: FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G. (Org.). *Op. cit.*

"A fundação dos museus nacionais, iniciada em grande parte pela Revolução Francesa, converte, em seguida, o direito de entrar no museu, em um direito do cidadão e, ao mesmo tempo, em uma necessidade para a identidade e para a reprodução de novas comunidades imaginárias"⁶.

Segundo essa autora os museus nacionais, que se construíram na esteira das Revoluções Burguesas do século XVIII, são instituições com a missão de estreitar os laços identitário de seus visitantes a uma ideia de nação através da cultura material ali exposta.

Da Revolução Científica em curso foram acrescentados outros objetos da sociedade contemporânea para o universo expositivo: máquinas, artefatos e as descobertas recentes da ciência. Na sociedade moderna foi identificado um novo objeto a expor: os avanços da tecnologia. E um novo público visitante: o cidadão urbano no seu tempo de lazer.

Ao longo do século XIX os museus foram considerados como símbolos da nação tomada como coletividade. Todos os objetos que possuía eram, de alguma forma, ligados a uma tradição cultural formadora da identidade nacional no seu passado, valorativo de seu presente e propositiva de seu futuro. Como narra Poulot esse sentimento nacionalista revela-se em grandes acontecimentos:

"[...] A evolução desse modelo cultural é o resultado de transferências e intercâmbio que acabaram assumindo a forma de imperialismo seja das cooperações reguladas pelo direito e pelas organizações internacionais"⁷.

Ou seja, as narrativas nacionais construídas pelos museus tornam-se símbolos que contam a história do poder daquela nação diante das outras e para ela mesma.

Organizadas cada vez com mais cientificidade, mas sem perder o caráter de ajuntamento, os museus se transformam refletindo não mais um simples conhecimento enciclopedista, mas a uma memória específica que se deseja guardar. Aquela ligada as identidades nacionais homogeneizantes.

O Museu do mundo contemporâneo

O Conselho internacional dos Museus (ICOM) é uma instituição criada nos pós Segunda Guerra Mundial, em paralelo a UNESCO, para reunir intelectuais interessados em discutir o papel dos museus no mundo contemporâneo. Ali se aponta novas exigências de utilidade social para eles e para patrimônio. Para isso organizou diversas reuniões temáticas.

Em 1958 no Rio de Janeiro foi realizado o Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus. Nessa reunião debateu-se a função educativa do museu, o papel das exposições como formadora de vínculo entre os museus e a sociedade.

⁶POULOT, Dominique, Museu e Museologia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 59.

⁷Idem .p. 64.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

Em 1972 ocorre uma mesa redonda em Santiago do Chile é introduzida a noção de “museu integral, isto é, levando em consideração a totalidade dos problemas da sociedade” e “do museu ação, instrumento dinâmico de mudança social”. Conceitos que aprofundam o entendimento da instituição museu como lugar de debate e de problematização das diversas identidades que uma mesma sociedade comporta.

Atualmente as instituições museológicas buscam obedecer, com maior ou menor grau de conformidade, a definição do ICOM elaborada em 1974:

“O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, e que faz pesquisas relacionadas com os testemunhos materiais do ser humano e de seu ambiente, tendo em vista a aquisição, conservação, transmissão e, principalmente, exposição desse acervo com a finalidade de estudo, educação e deleite⁸.”

Com a Declaração de Caracas, organizada pelo ICOM em 1995, é construído o entendimento dos museus não apenas como fontes de informação ou instrumentos de educação, mas como espaços e meios de comunicação que buscam a interação da comunidade com o processo e com os produtos culturais.

Com essas referências entendemos que o Museu não é mais o colecionador de poesias da antiguidade. Nem se limita a ser o colecionador de objetos exóticos, próprio da Era Moderna. Contemporaneamente o museu é compreendido como instituição cultural que se dedica a guardar os objetos para, por meio deles, estabelecer uma relação da comunidade com sua própria tradição cultural em diálogo com as demais tradições.

Para isso a instituição museológica se utiliza de uma seleção de objetos para constituir a sua exposição. É através dessas escolhas que promovem uma valoração da tradição cultural que se deseja ver ali materializada. Para alcançar esse objetivo usa da expografia que, no século XX, foi entendida que por Marília Xavier Cury como:

“É a forma da exposição de acordo com os princípios expológicos e abrange os aspectos de planejamento, metodológicos e técnicos para o desenvolvimento da concepção e materialização da forma⁹”.

Como podemos observar a expografia mudou o foco da exibição do objeto para a cultura que representa. Iniciou a produção de cenas próprias para a apresentação de objetos em seu contexto de uso e de significação cultural amplificando a possibilidade de percepção dos seus usos e valores.

Nesse mesmo momento o museu segue pelo caminho da expansão, da modernização e da criação para se sustentar em meio a crise econômica global do final dos anos sessenta. Com isso

⁸ Conferência Geral do ICOM em Copenhague, em 1974.

⁹ CURY, Marília Xavier, *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 27.

os grandes projetos de renovação e de construção de museus ocorridos nos anos 80 foram encarados como estratégia de geração de renda para si e para sua comunidade. Neste momento os museus acabam entrando, junto com outros equipamentos culturais, na era da economia, da gestão, do marketing, da comunicação de massas, ou seja, direta ou indiretamente o museu foi visto como um negócio, aberto ao mercado de consumo de massas, para superar à crise econômica¹⁰.

Por essa razão os museus criados nos anos 1990 buscaram valorizar as histórias locais em lugar das narrativas universais. Surgem também os museus temáticos como o museu da cachaça, o museu das medidas e de tantos outros objetos particulares. O discurso em torno do objeto exposto se tornou de grande importância, pois sua particularidade o tornava capaz de seduzir o público. Ou seja, “o museu deixa de ser elemento da paisagem urbana para se tornar um local de memória”¹¹.

Inteiramente reorganizado os espaços internos dos antigos museus tornaram possível a transformação do museu no local de hipóteses e dúvidas. A nova museologia procura estabelecer a comunicação entre o objeto e o visitante com base na análise de problemas contemporâneos.

“[...] A relação entre o Homem e o Objeto ocorre em uma situação aprovada institucionalmente. O cenário institucionalizado que aqui está denominado como museu, atualmente, assume diversas formas. (...) Esse museu trabalha com certo aspecto da realidade e muitas outras coisas.”¹²

Por conta dessa preocupação recorrente de estabelecer a relação entre o visitante e a exposição ocorre uma renovação nos museus nos anos 1990. Essa começa com o planejamento museológico ganhando uma unicidade, propondo uma busca de sentido a ser oferecida ao visitante no percurso da visita. Para isso é feito um estudo preliminar do todo e das partes que compõe a exposição. São montadas equipes arquitetônicas, educativas e museológicas.

Na virada para o século XXI a tendência é tornar a exposição um lugar onde se encontram diferentes discursos, onde se produzem discussões e trocas de visões sobre o mesmo objeto cultural exposto. Mas também vemos, na atualidade, os museus concorrendo com outros equipamentos culturais e de comunicação social nessa disputa pela narrativa sobre a identidade cultural da comunidade.

Num mundo onde a presença de novas tecnologias de comunicação como imagens, sons, luz e cores são obrigatórias o museu segue como um lugar de aprendizagem social. Mesmo identificando o museu como local de patrimônio, de coleções de objetos e de artefatos, entendemos que o museu é também um local de lazer, encantamento, diversão associada a procura por conhecimento.

¹⁰FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G. (Org.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

¹¹NASCIMENTO, Silvana Silva. O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus. In Figueiredo, B. G.; Vidal, D. G. (Org.).p.

¹²CURY, Marília Xavier, *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 32.

As Funções da Instituição Museu

A definição contemporânea de um Museu deriva de sua tradição e, como já dito, todas as características apresentadas se baseiam nas funções que o museu já exerceu. Dominique Poulot refere-se ao Joseph Veach Noble, então presidente da Associação Americana dos Museus, como identificador de cinco funções do museu: colecionar, conservar, estudar, interpretar e expor. E remete também a síntese do museólogo holandês Peter Van Mensch que evoca somente três: preservar, estudar e transmitir.¹³

O museu é comumente identificado como depósitos de objetos que foram escolhidos para compor a coleção e formar a exposição. Isto foi confirmado através de sua história marcada por vários debates em cima de quais coleções os museus poderiam colecionar abrigar e expor ao público.

Mas a função de colecionar de um museu está interligada ao dever de conservar e preservar o objeto para ser posteriormente exposto. Esse vínculo entre museu e a conservação foi determinante para o desenvolvimento da instituição, pois alguns museus foram criados para evitar a degradação e a dispersão de alguns objetos que eram considerados patrimônio público. Poulot nos dá esse exemplo através do que ocorreu na coleção dos Médicis no século XVIII:

“[...] Assim foi a estatização da coleção dos Médicis, após a morte do grande duque Gian Gastone (1671 – 1737), que abriu a via à conservação museal moderna dos Uffizi, cuja galeria acolhe os visitantes, em horário regulares, desde 1789.”¹⁴

O princípio do museu a respeito da sua função de exposição se detém constantemente na busca de construir uma relação entre o objeto que é apresentado e o público que a observa através das referências compartilhadas pela comunidade.

Ao mesmo tempo o museu encontra no estudo e na pesquisa museológica uma forma de gestão como também uma forma de se comunicar com o objeto museológico e de realizar a comunicação dele com o público e com a exposição. A pesquisa no museu justifica porque adquirir o objeto, porque conservá-lo e por que o expô-lo. A pesquisa dá a direção da atividade documental que se detém e se produz por um museu. Todo o conhecimento produzido no museu busca criar uma associação entre a coleção, a equipe de conservação, a exposição e a comunidade local. Busca promover a identificação do objeto com a exposição.

E a pesquisa também possibilita a construção dos catálogos. Como exemplos Poulot narra a respeito dos catálogos produzidos pelo Museu Pio-Clementino e pela Galeria do Eleitor Palatino:

¹³POULOT, Dominique. *Museu e Museologia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p.22.

¹⁴POULOT, Dominique. *Museu e Museologia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p.22.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

“[...] O Museu Pio-Clementino, no Vaticano, dota-se a partir de 1782 de um catálogo exemplar, terminado em 1807, ao encargo de Giovanni Battista e Ennio Quirino Visconti. O grande catálogo da Galeria Eleitor Palatino, em Dusseldorf, é publicado em 1778, em Basileia, pela empresa de Christian Von Mechel¹⁵”.

Logo se verifica que o intuito da criação dos catálogos consistiu na promoção do Museu, como também acentua o caráter de lugar de estudo do Museu pois sua realização somente é possibilitada pelas pesquisas realizadas pelas equipes responsáveis por criar a associação entre a coleção e construir a exposição.

O museu também é composto da exposição do preservado e estudado. Essa exposição é a marca da transformação do museu enquanto “depósito de coisas” para o museu como “expositivo de valores”. Consistindo não apenas em tornar visível, mas em oferecer condições para essa visibilidade, facilitando a compreensão e a comparação com outros objetos, a identificação de valores com a comunidade visitante. E tendo como característica a utilização de diferentes formas de expor para os visitantes, como por exemplo, o uso de dispositivos interativos ou de materiais explicativos.

Esses meios interativos contribuem para a notoriedade dos museus, permitindo a construção da originalidade do espaço museal através do olhar do visitante, visando não apenas o que está sendo exposto, ou qual a origem de suas coleções, mas como está sendo feita a sua comunicação. Como Marília Xavier Cury nos traz a respeito dessas transformações na forma de expor o objeto:

“A transformação do museu autocrático, com suas exposições de enfoque taxonômico, e o museu comunicativo teve em seu bojo uma transformação na forma de se trabalhar: na primeira situação as exposições são concebidas por uma pessoa (ou centralizada em poucas pessoas) e eram contemplativas. Essas exposições eram organizadas com base na apresentação das estruturas classificatórias das coleções. [...] Na segunda as exposições são concebidas por equipes para serem compreendidas e provocarem uma atitude ativa no visitante”¹⁶.

A partir disso compreendemos a exposição museológica como um espaço de construção de conhecimentos. Essa é auxiliada não apenas pelo objeto e pelo mediador, mas pela disposição dos objetos expostos, diante disso sua forma de organização é que produz o sentido.

Do que foi exposto compreendemos que a construção museológica é realizada pela interação entre o museu enquanto depósito de valores culturais, como centro de pesquisa e espaço expositivo. Noutro sentido diremos que a exposição museológica tem a sua importância na conexão construída entre os objetos expostos e comunicados ao público. Ou seja, da compreensão do museu como um espaço expositivo de valores culturais.

¹⁵ Idem. p. 24.

¹⁶ CURY, Marília Xavier, *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005, p.37.

O Memorial da UFRPE: Estratégias para a Divulgação da Memória Institucional

A instituição museu percorreu um longo caminho para deixar de ser entendido como o lugar das coisas velhas ou a sala do colecionador para ser compreendido como uma instituição que se dedica a manutenção de coleções e de objetos que foram reunidos devido a seus valores culturais. No mundo contemporâneo, marcado pela multiplicidade de narrativas e agentes, os museus seguem com sua missão de colecionar múltiplas memórias de diferentes comunidades e comunicá-las de forma interativa e plural.

No contexto do mundo contemporâneo os museus mantêm as funções de guarda, pesquisa e comunicação dos objetos portadores de valores culturais significativos para as comunidades. Organizadas cada vez com mais cientificidade refletem uma memória sobre o conhecimento que cada grupo social tem de si e dos demais. Apresentam uma narrativa sobre as comunidades que o constroem e de como ela se projeta.

É nesta perspectiva que as instituições, como a Universidade Federal Rural de Pernambuco, mantêm espaços de memória, como o “Memorial da UFRPE,” para realizar a guarda, a pesquisa e a divulgação de sua própria história institucional, bem como a projeção desta memória para a sua comunidade e um local de lazer onde, de forma lúdica, é possível acessar informações e significados dos objetos culturais.

A universidade – assim como as nações e os grupos sociais - desejam preservar e divulgar sua trajetória histórica. Para isso investem na instalação e manutenção de espaços museológicos, como estratégia de preservação e difusão de seus valores culturais, a guarda e o estudo da história da instituição e de sua importância para a comunidade.

A comunidade acadêmica Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) tem a sua origem na Escola Superior de São Bento de Olinda- PE, e passou por diferentes momentos que permitem que ela seja o que hoje conhecemos. Diferentes integrantes atuaram para essa expansão como os monges beneditinos, professores, alunos, técnicos e o próprio Governo do Estado e da União. São esses agentes que foram responsáveis para o que hoje conhecemos como a “Rural.” Portanto é pertinente que busquemos compreender a sua trajetória e as memórias, que formam essa identidade, através de materiais que evocam lembranças do processo de fundação, efetivação e crescimento para que a memória possa ser transmitida e compartilhada com os estudantes, professores, técnicos e a comunidade que reside ao seu redor.

“Os objetos portadores de significado dão suporte à memória coletiva e são fontes da história dos homens e da terra. Expressões do conhecimento e do poder requerem um espaço especial para a sua guarda: o museu.”¹⁷

¹⁷ CANDAU, Joël. Memória e identidade. Vol. 2014. São Paulo: Contexto, 2014, p. 141

O Memorial da UFRPE é um lugar com a função de dar suporte à memória coletiva, sustentando a sua identidade simbólica através de objetos escolhidos pela própria comunidade e mantendo relação com o presente compartilhando suas trajetórias e conquistas. É um museu institucional mantido pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, sediado na casa Ivan Tavares e criado pela resolução 65/84, do Conselho Universitário e instituído como unidade administrativa vinculada a Pró-reitoria de Ações de Extensão pela resolução 80/90 do CEPE, nesses documentos as funções do Memorial da UFRPE são:

- Pesquisar, coletar, identificar, recuperar, catalogar, conservar e expor documentos e outros objetos ligados as diferentes fases da vida da instituição, desde a criação de ‘Célula Mater’ a Escola Superior de Agricultura e Veterinária São Bento.
- Propiciar à comunidade universitária, aos estudiosos e a sociedade de um modo geral, um acervo de elementos balizadores das ações e serviços prestados pela instituição à educação local, regional e nacional, notadamente na esfera do conhecimento teórico-prático-científico, ligados ao setor primário da economia.
- Expor documentos e peças significativas de seu acervo que testemunhem as diferentes fases evolutivas da UFRPE.¹⁸

Existe a preocupação de manter viva a história universitária pelo compartilhamento com aqueles que a compõem, através da memória social da comunidade fundadora, afirmada e transmitida pela preocupação de não deixar ser esquecida essa trajetória. Isso se insere na perspectiva museal descrita por Oliveira:

“Os museus, hoje, têm públicos distintos e variados, que neles vão buscar bens e experiências capazes de construir suas identidades. São centros identitários, que acumulam as funções de conferir valor e de definir autenticidade como a de ser lugar de lazer, de consumo e de estetização do cotidiano, o que revaloriza o seu papel. Desse modo, os museus e o patrimônio agregam novas funções, ainda que continuem a construir e representar identidades locais, regionais, nacionais, globais.”¹⁹

Logo, o Memorial corresponde esse interesse de se realizar nos e com os museus, realizando não apenas a guarda, investigação e comunicação do acervo, mas refletindo as relações entre educação, memória, patrimônio histórico e investigando as representações sociais constitutivas de identidade coletiva acadêmica.

Ao longo das atividades que foram importantíssimas para efetivação do projeto do Memorial da UFRPE, como arrumação do espaço da Casa, a montagem dos acervos, a procura de financiamento para os projetos e a equipe de bolsistas, foi concebida e organizada uma exposição permanente que utilizasse a cultura material da UFRPE, com o tema “Ensino, Pesquisa e Extensão”. Essa exposição mostra documentos e objetos, conservados e guardados pelo Memorial que contam a história da UFRPE e do ensino agrícola e superior em Pernambuco.

¹⁸ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. Resolução do Conselho Universitário nº 64/84. Recife, 1984.

¹⁹ OLIVEIRA, Lucia Lippi de. Cultura é patrimônio: um guia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008, p. 147.

A respeito dos objetos que foram selecionados para compor o acervo Pacheco afirma que:

“Os objetos guardados em museus são alegorias do passado que se deseja lembrar. Isso significa que eles não são o próprio passado, mas objetos culturais selecionados e agrupados para produzir um dado discurso sobre o passado que atenda as demandas da comunidade de evocar o seu passado”²⁰.

Logo os objetos escolhidos para compor o acervo do museu institucional, partiria de uma seleção de valores, que permitiriam os que o escolheram evocar o passado através desses objetos, na busca de também atribuir a eles um novo valor, e não mais o original. A tríade universitária, ensino, pesquisa e extensão universitária, foi escolhida para ser a temática que construiu a exposição. Cada área foi exposta separadamente. De acordo com Pacheco²¹ a parte do ensino, se encontra numa linha cronológica dos cursos de graduação, uma série de cadeiras e outra de projetos de imagens utilizados em diferentes períodos nas salas de aula da UFRPE. A parte sobre a pesquisa é composta por uma série de teodolitos e outra de microscópios, além da de vidros de ensaio. Já a parte de extensão ela é representada através de fotografias de diferentes ações empreendidas pela UFRPE, com um destaque para o conjunto de documentos sobre o “Projeto Pau-Brasil”, no qual está presente uma amostra de caule da árvore.

A exposição também faz referência aos outros três grupos da comunidade universitária, através de objetos escolhidos em cima de mesas que remetem aos professores, alunos e técnicos administrativos. Há também expositores diferentes que apresentam informações e objetos que se referem ao hospital veterinário, à biblioteca, aos colegiados superiores, ao campus universitário e à cerimônia de formatura.

Abud destaca que o papel social dos museus na atualidade se define a partir de sua função educativa. Contrapõe a essa função a visão de museu como “local de guardar coisas antigas”²². O Memorial da UFRPE por sua vez busca abandonar esta imagem e afirma na possibilidade de construir um papel educativo nas suas funções.

Segundo Horta estes espaços institucionais possibilitam a promoção da guarda e o estudo da história da instituição e de sua importância para a comunidade.²³ Além disso, estes espaços buscam se adequar de acordo com a necessidade de seu público. O Memorial da UFRPE recebe visitantes, na sua maioria discentes dos cursos de licenciatura da UFRPE, como História, Letras e Pedagogia. Desta forma contribui para a formação da identidade docente destes visitantes através da imersão na cultura material presente no memorial. Potencializa essa ação com as ações educativas e jogos didáticos produzidos e aplicados com os visitantes.

²⁰ PACHECO, Ricardo de Aguiar. Ensino de História e Patrimônio Cultural: Um percurso Docente. São Paulo: Paco, 2017, p. 105.

²¹ PACHECO, Ricardo de Aguiar. De como o Memorial da UFRPE fala do Ensino, Pesquisa e Extensão. Museologia e patrimônio, v.3 n.2 - jul/dez., 2010, p. 60.

²² ABUD, Kátia Maria. Ensino de História. São Paulo: Cengage Learning, 2010. p. 127.

²³ HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia básico de Educação Patrimonial. Brasília: Iphan; Museu Imperial, 1999, p. 4.

De acordo com Lúcia Lippi esses processos de transformações que os museus passam destacam seu papel educativo:

“O seu papel educativo do público também vem sendo rediscutido. Tornou-se relevante a questão do aprendizado em museus, a chamada educação patrimonial, a ser introduzida no currículo das escolas. A educação patrimonial, ou seja, o processo permanente e sistemático de educação, tomando o patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo, vem merecendo a atenção de trabalhos desenvolvidos nas áreas de artes, comunicação, ciências naturais e história.”²⁴

O Memorial se apoia neste conceito para construir seu papel educativo na busca do enriquecimento individual e coletivo dos visitantes, contribuindo para a construção de um museu enquanto lugar de aprendizagem a partir do conceito de educação patrimonial utilizado é formulado por Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg, Adriane Queiroz Monteiro²⁵.

A utilização de ações educativas e jogos didáticos dentro do Memorial como forma de educação patrimonial, tem sido uma ferramenta de construção do conhecimento crítico, apropriação da comunidade sobre o patrimônio cultural da UFRPE, além de uma ferramenta metodológica para a construção e o fortalecimento do sentimento de identidade que valoriza a preservação desta memória institucional.

Ao chegarem os visitantes são recebidos pela equipe e apresentados ao Memorial, antes da sala de exposição, para que observem o entorno e a casa Ivan Tavares. Quando adentram é feita uma mediação guiada a cada espaço da exposição começando pela área do ensino com a linha cronológica dos cursos de graduação, a exposição de cadeiras e de projetores de imagens utilizados em diferentes períodos nas salas de aula da UFRPE. Com eles compreende-se e identificam-se aspectos relacionados ao processo de desenvolvimento do ensino ao longo das décadas no Brasil.

Posteriormente segue-se aos outros dois aspectos da tríade universitária, a pesquisa e a extensão, e conversasse sobre como podemos verificar as inovações tecnológicas que favoreceram as pesquisas universitárias através dos teodolitos, microscópios e os vidros de ensaio. Na questão da extensão universitária falamos um pouco do nosso projeto de extensão que visa estimular a presença da universidade na comunidade aos objetos que estão nessa parte da exposição, pois relacionamos aos projetos que apresentavam estas mesmas funções, como o projeto pau-brasil e as fotografias de diversas ações realidades pela UFRPE.

Ainda levamos ao aluno a conhecer outras partes da exposição, como a sala que montamos com mesas para retratar os técnicos administrativos, alunos e professores que compõe a uni-

²⁴ OLIVEIRA, Lucia Lippi de. *Cultura é patrimônio: um guia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008, p.147.

²⁵ HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Iphan; Museu Imperial, 1999, p. 4.

versidade. Mostramos os diferentes expositores e dialogamos com os visitantes sobre a construção do hospital veterinário, os colegiados superiores, o campus universitário -através de uma maquete construída com os prédios do campus - e sobre a cerimônia de formatura com algumas medalhas e diplomas.

Após a visita os visitantes são trazidos para uma sala com alguns jogos educativos, onde é ressaltada a importância da realização desses como estratégia de divulgação da memória institucional: O jogo dos setes danos, o jogo da memória, o quebra cabeça e jogo do quadro. O jogo dos sete danos consiste numa versão adaptada do jogo dos setes erros, tendo como tarefa principal a conscientização sobre a importância de se preservar o patrimônio sócio-histórico-cultural. O jogo funciona com duas partes: a primeira é a observação da imagem impressa de dois microscópios que estão na sala de exposição, podendo até ser realizada uma nova ida à sala de exposição. Logo o que se pede é que analisem os dois microscópios e perceba os tipos de danificações que possui um objeto, enquanto o outro está mais conservado e possui uma quantidade menor de danos adquiridos pela falta de conservação, por isso o nome do jogo. Após isso, além de marcar no papel os danos que os objeto possuem, devem construir um pequeno texto sobre o que deve ser feito para manter bem conservadas as peças de um memorial.

O jogo da memória é realizado com as fotografias de alguns objetos da exposição do memorial, consistindo em oito pares e dezesseis peças. Jogado com duas pessoas, inicia com as cartas viradas numa mesa de cabeça para baixo e o primeiro a iniciar necessita encontrar um par de objetos. Caso não encontre retorna com as peças à mesa e o próximo a jogar realiza a mesma ação para encontrar os pares até que as peças que se encontram na mesa terminem. Ao finalizar o jogo é realizada uma conversa com a dupla sobre os objetos que estão no jogo, sobre onde eles estão na exposição, qual o sentido dele na exposição e se já tinha visto em algum outro lugar, se alguém de sua família possuiu. Esse jogo permite um olhar mais atento ao objeto e ao que ele quer contar na exposição. Pode ser utilizado antes ou depois da visita fazendo com que o visitante realize previamente a construção de identificação com a exposição que irá visitar, ou após como tentativa de reafirmar a memória do participante.

O quebra cabeça e o jogo do quadro são dois jogos inspirados no quadro de Lula Cardoso Ayres que se encontra no salão de atos no prédio central na UFRPE. Desse quadro foi realizada uma versão adaptada que é possível remover os personagens do quadro e colocá-los novamente e está situado na sala de exposições no memorial. Produziu-se um jogo então em menor escala para os visitantes jogarem no salão de jogos, podendo ser individual, em dupla e até em equipes,

trazendo um o fundo do quadro em um plano, e os personagens recortados para que através da memória do quadro no salão de exposição, possam montar novamente o quadro.

O jogo do quebra cabeça também tem a tentativa de exercer a memória, porém trazendo o quadro recordado em formato de um quebra cabeça normal, mas adaptado com a imagem do mesmo quadro de Lula Cardoso Ayres. Após a realização do jogo dialogamos sobre como o quadro retrata a monocultura de cana no litoral pernambucano, a plantação do algodão e do café na zona da mata, a pecuária bovina no agreste e a vegetação árida do sertão. Além de conversarmos com os visitantes sobre agropecuária pernambucana, identificamos as principais características que eles se lembram do quadro na visita para a montagem dos dois jogos.

A comunicação dentro do Memorial com a execução de jogos e atividades didáticas corresponde a um processo educacional que estimula e facilita a interação entre a comunidade visitante e a equipe responsável pela manutenção do memorial e elaboração das atividades, possibilitando a troca de conhecimentos. Essa forma alternativa de Educação Patrimonial pode ser utilizada em outros espaços museológicos e locais de patrimônios e de manifestação de cultura.

O Memorial da UFRPE se construiu a partir do interesse de um grupo de docentes pela memória da instituição e da construção das identidades neste meio acadêmico, diante dos interesses de diversos agentes. O Memorial permite que elementos dessa identificação coletiva desses agentes sejam expostos e guardados dentro de um local que resguarda o conhecimento e a história dessa universidade.

Quando se fala sobre o museu institucional da UFRPE, deparasse com ações na comunidade que visam preservar, expor, pesquisar e dialogar a respeito das trajetórias e conquistas da universidade. Não é uma tentativa isolada de preservação de objetos que descrevem o passado através de sua exposição. Mas uma análise de como age a memória e a cultura de uma comunidade na formação de identidade e até que ponto se importa tanto com essa história e trajetória, a ponto de preservá-la e compartilhá-la com descendentes.

Diante disso se fez necessário o conhecimento dos elementos significantes para a trajetória do patrimônio e do museu, para o enriquecimento deste estudo e diálogo com o Memorial. Não se faz história isolando-se dos acontecimentos e com conceitos também isolados, mas pela compreensão de que, enquanto historiadores, participamos ativamente na construção da memória social, e quando tecemos os conceitos podemos compreender de forma ampla o nosso objeto de estudo, o ambiente à nossa volta, os acontecimentos atuais e passados, ou seja, nosso campo de visão se alarga na medida que começamos a compreender melhor o que estudamos mesmo que seja nos seus detalhes.